

A scenic view of white cliffs along a coastline. The cliffs are tall and white, with some greenery on top. The water is a vibrant turquoise color. In the foreground, there are houses with dark roofs and chimneys, and a gravelly path leading towards the water. The sky is a clear, light blue.

Falésias

Leila Perli

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Falésias

Leila Perli

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



Falésias

Leila Perli

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Leila Perli

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **ImagemDigital**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Perli, Leila

Falésias / Leila Perli ; ilustrações da autora. – Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.

80 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-47-1

1. Contos brasileiros 2. Contos - Mulheres 3. Ficção brasileira I. Título

17-0698

CDD B869.31

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

Sumário

<i>Introdução</i>	6
<i>Samantha</i>	10
<i>Eva</i>	31
<i>Helda, uma triste realidade</i>	53
<i>Lena</i>	69

Os fatos ficcionais criados nestes contos se entrelaçam com fatos reais.

Muitos destes textos foram escritos de madrugada enquanto o meu neto, Daniel, dormia, e a felicidade de estar perto dele me invadiu o coração, fazendo a inspiração tomar conta da minha mente para escrever tais contos.

Samantha foi escrito a partir de fotos impressionantes que me foram enviadas por um casal. Fiquei impressionada com a beleza de Dover, na Inglaterra, e as suas falésias e, então, comecei a pesquisar sobre o seu Castelo, constatando, assim, a sua grande importância na Segunda Guerra Mundial, a incrível história do farol e da família que viveu lá durante décadas. Através dessa pesquisa inicial, todos os fatos fictícios foram criados.

Eva foi escrita a partir de lembranças de minha infância. A descrição de lugares e pessoas foram tiradas dessa mesma fase boa da vida, porém as tristes realidades do mundo atual se mantêm marcantes durante o desenvolvimento do conto, como os conflitos no Congo, na Tunísia, a perda do direito à religião católica na Somália e a luta pela sobrevivência dos povos que ali estão sitiados. Muitas notícias me foram enviadas pela Organização Não Governamental “Médicos sem Fronteiras”, a qual eu faço questão de ajudar.

Ao ler a notícia do “Discovery News”, pude constatar o interessante achado do pombo correio em uma chaminé em

Surrey. Achei incrível o poder dessas aves tão discriminadas nos dias de hoje.

Helda foi escrita depois de ler sobre a Irlanda, e também após a leitura da reportagem da “Infoescola” na Internet sobre as meninas do convento e sobre o filme *Philomena*, de 2014, do diretor Stephen Frears. Não pude acreditar que fatos tão medonhos pudessem acontecer em pleno século vinte, época em que se passa o filme. A dura realidade de mulheres marcadas por tristes recordações chamou a minha atenção.

*Este livro eu dedico em memória a uma mulher de fibra,
a qual sempre admirei, Elza Kattenbach.*

Ao meu marido e filhos, que sempre me apoiaram. Especialmente ao meu neto Daniel que me incentivou a publicar este livro e à minha neta Alice.

Também dedico à minha mãe, que sempre leu os meus contos e deu a sua opinião.



Havia um tempo em que as pessoas não se importavam em dedicar-se àquilo que lhes davam prazer, como por exemplo ler um livro, visitar um velho amigo, ou até mesmo ir pescar. Não que eu adore pescar, não, realmente não. É importante ressaltar que a vida não é feita apenas de valores e deveres para com a sociedade que nos cerca, devemos nos preocupar também com o curtíssimo tempo que temos aqui neste planeta que chamamos de lar.

Ressaltando esse ponto de vista, podemos começar este conto então, falando de uma garotinha muito esperta, que sabia como aproveitar os momentos especiais que a vida

Ihe proporcionava, como todas as crianças deveriam fazer, mas que, por motivos escusos às suas vontades, não podem aproveitar suas criancices como deveriam. Deixemos este fato um pouco de lado, pois vamos falar de Samantha, uma linda criança, que foi criada em Dover, no interior de Londres, na Inglaterra.

Era uma linda manhã de primavera na bela cidade de Dover. Tudo parecia tão lindo que era difícil de explicar tamanha beleza, as casas com os seus jardins repletos de flores de todos os tipos e cores formavam aquarelas lindíssimas e de perfumes incríveis. As casas de tijolos antigos, emolduradas pelas flores, pareciam tiradas de um conto de fadas.

As crianças brincavam sempre em frente às suas moradas, não que houvesse algum problema de violência registrado na cidade, mas havia ainda a triste lembrança de uma guerra que atingira a todos os moradores há alguns anos atrás. Uma guerra que havia marcado profundamente essa linda cidade, bastava olhar para o alto e ver o Castelo de Dover e as lembranças que ele trazia para todos, lá havia sido o quartel general dos Ingleses na Segunda Guerra Mundial, e onde milhares de soldados foram levados feridos para o hospital improvisado pelos militares, sendo que muitos deles perderam sua vida naquele lugar. No entanto, essas tristes recordações se tornaram apenas lembranças.

A vida para Samantha, uma linda menina, que morava perto das falésias, era incrivelmente prazerosa. Ela e os amigos não imaginavam o que havia acontecido lá outrora, só sabiam o que Ihe falavam. A infância dessas crianças foi mar-

cada pela grande vontade de aproveitar a vida e tudo de bom que ela poderia lhe proporcionar.

Samantha, Peter, Ralph e Mary iam para a escola todos os dias da semana e, ao voltar pela estrada de barro, caminhavam e cantavam, tornando o trajeto o mais agradável possível. Corriam, pulavam e planejavam como passariam o resto do dia.

– O que faremos hoje – disse Ralph, com um ar de preocupação.

– Eu não sei, talvez eu vá até a falésia, pessoal – disse Samantha.

– Ok! Até lá, então.

– Eu levo o livro para ler!

– Ah, mas nós já lemos todos os livros que tínhamos, precisamos encontrar algo novo que não lemos ainda.

Um olhou para o rosto do outro sem dizer nada, pois sabiam que era difícil encontrar livros diferentes, já que os livros da escola não podiam mais ser levados para casa, uma ordem da diretora, visto que muitos não devolviam ou não tinham cuidado com eles e por castigo, agora eles permaneceriam na biblioteca da escola.

Ao chegar em casa, Samantha correu para abrir a porta como todas as crianças fazem ao chegar da escola.

– OI! Mãe o que tem para lanchar, eu estou com muita fome.

– Vá lavar as mãos e depois sente-se aqui. Eu quero saber como foi na escola, você tem deveres para fazer?

– Não, nós fizemos o dever lá na escola, depois que acabou a aula.

– Muito bem, e o que a senhorita pretende fazer depois de lanchar? Eu já sei que tem algum plano em mente.

– Vamos à falésia, estamos querendo algo novo para ler, só que já lemos todos os livros que tínhamos. Eu estava pensando em fazer um teatro com os meus amigos ou talvez só andarmos de bicicleta pela rua.

Todos se encontraram depois do lanche próximo a falésia e sentaram-se no banco para admirar a paisagem do lugar mais lindo do mundo, segundo muitos viajantes que ali passavam. Era de uma beleza inexplicável, lá de cima se podia ver o céu com toda a sua plenitude, lá em baixo, o azul do mar contrapondo-se com o branco que descia da falésia. Realmente, tal beleza era inexplicável.

Samantha e a turma resolveram ir conversar com o senhor Smith que morava lá. A família dele foi responsável pela preservação do farol que fica em cima da falésia há muitos e muitos anos atrás. As histórias do seu bisavô eram incríveis, ele costumava receber muitos viajantes naquele local. Sua ajuda àqueles que estavam em alto-mar era incalculável, quando o mar estava revoltado ou havia uma previsão de um maremoto próximo, ele iluminava o farol, ajudando quem estava no mar. Este farol era bem antigo, fora construído no século XVIII.

As crianças chamaram, mas parecia que o senhor não estava no farol, então Samantha teve a ideia de ir até a casa velha, no final da rua, pois alguns meninos disseram que havia uma senhora morando lá.

– Já ouvi falar que ela é bem esquisita. Muitos meninos que passam por ali saiam correndo com medo de assombração – disse Peter.

– Nossa, que besteira! Eu nunca ouvi nada igual, por que os meninos são tão bobos? – respondeu Mary, sem pestanejar.

– Que besteira! – disse Samantha.

– Vamos até a entrada da casa que eu quero ver – falou Ralph.

A rua estava deserta, pois todos estavam dentro de casa, parecia que ia chover, o tempo mudou de repente, mas, assim mesmo, o grupo foi até o local.

Não havia flores perfumadas nas janelas da casa, só uma macieira com algumas folhas, o mato crescera desde a última moradora, que havia morrido dentro de casa. Sem uma explicação para a sua morte, as crianças imaginavam mil coisas diferente, fantasiando o falecimento da moradora. E foi por esse motivo que todas as crianças diziam que havia fantasma ali.

O tempo ficou escuro e a paisagem do local ajudou para causar uma péssima impressão. Rapidamente, eles montaram em suas bicicletas e quando perceberam já estavam bem longe. Todos foram para as suas casas e na pressa nem se despediram uns dos outros.

Na manhã seguinte, as crianças saíram em direção à escola. O local onde elas estudavam não era muito grande e todos se conheciam, suas paredes de tijolos horizontais tinham uma estrutura sólida como toda a cidade, que fora construída anos atrás, bem antes da Segunda Guerra Mundial. Algumas dessas paredes foram destruídas pela mesma guerra que aterrorizou todo o planeta, as ruínas dessas casas serviram apenas como uma triste recordação.

A professora era bem austera e exigia bastante de todos os alunos. Ela pediu para que eles falassem sobre alguma coisa que lhes chamaram a atenção. De repente, Samantha levantou a mão para que pudesse falar.

– Fale Samantha! – disse Ellen, sua professora da terceira série.

– Nós fomos até a casa velha do fim da rua Douglas White, dizem que lá vive uma senhora muito estranha em uma casa assombrada!

– Não creio que você acredita nisso, Samantha! Essa senhora, chama-se Anne, ela mora na casa que era da sua irmã, April, que viveu lá na época da guerra. April e o marido viveram por muitos anos ali, até que ele foi convocado para guerra, ela, então, esperou por muitos anos a volta dele, mas isso nunca aconteceu e ela acabou falecendo à espera da sua grande paixão. Este fato foi muito triste e não é para vocês terem medo, não. Essa é uma história de um lindo amor.

– Ah! Mas dá medo, a casa parece abandonada – respondeu Samantha.

– Essa senhora acabou de se mudar, espera e ela vai dar uma arrumadinha naquele lugar, vocês vão ver.

Ao chegar em casa, todos foram ler o livro que a professora havia mandado no início das aulas e que suas mães haviam comprado, desde então. O livro falava sobre um menino que não gostava de violência, mas seu pai tinha uma fábrica de armas, chamava-se *O menino do dedo verde*, do autor Maurice Druon.

Samantha ficou pensando no que a professora lhe contou sobre a casa velha e resolveu ir até lá. Ela parou bem

embaixo de uma árvore para não dar na vista de que estava lá só para observar a casa. De repente, saiu da casa um gato preto, com um ar desconfiado, como geralmente todos os gatos têm, mas Samantha não se intimidou, ficou ali durante algum tempo. Quando sentiu que havia alguém atrás dela, ao se virar, deparou-se com a atual dona da casa, assim ela esperava que fosse, já que a antiga havia morrido. Imediatamente, ela deu um salto para frente, surpresa com a presença da senhora e sem graça falou que estava só observando o local.

– Não tenha medo – disse a senhora. – Eu sou uma pessoa como qualquer outra. Um pouco solitária talvez, pois não conheço muita gente por aqui. Eu me chamo Anne e qual é o seu nome?

– Eu me chamo Samantha.

– Que lindo nome, você quer entrar, Samantha?

As duas entraram na casa. Samantha pôs-se a olhar tudo, os quadros na parede, o sofá velho, a caixa de música sobre a cristaleira. O que lhe chamou mais a atenção foi uma estante enorme, cheia de livros. Ela ficou parada a admirar quantos livros diferentes havia lá.

– Já vi que você gosta de livros. Quantos anos você tem?

– Eu tenho dez anos e adoro ler, mas na minha escola estamos proibidos de levar livros para casa, pois muitos alunos não os devolvem.

– É, este é um problema que atinge muitas bibliotecas e que precisa mudar, as pessoas pegam os livros emprestados e não os devolvem. Às vezes nem os leem e eles ficam esquecidos em alguma parte da casa, como se não existissem, mas

Falésias nos mostra a busca incessante das mulheres pela sobrevivência. Entre guerras e conflitos, elas conseguiram desempenhar um forte papel no nosso mundo, nos permitindo entender que não foram só os homens que lutaram para permanecer vivos, mas também as mulheres que, com sua perseverança, superaram suas dores e alcançaram o que mais almejavam: a paz interior.

A mensagem que estes contos nos transmite é de que todo fim reflete em um novo começo, e que a esperança de um novo amanhã sempre surgirá em nossos corações. Que os dias sombrios de outrora, onde a escuridão vigorava, puderam se transformar em belos dias de sol.

Como dizia Nietzsche "Não existe razão para buscar o sofrimento, mas se ele surgir em sua vida, não tenha medo: encare-o de frente e com a cabeça erguida".

Falésias nos mostra que as mulheres conseguiram ultrapassar seus medos e venceram os obstáculos que lhes foram oferecidos ao longo de suas vidas.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN: 978856994347-1



9 788569 943471